

O suicídio em Portugal e Espanha — Padrões e contrastes de uma geografia plural

POR

ORLANDO GÜETE TUR⁽¹⁾, FRANCISCO ALTE DA VEIGA⁽¹⁾, CATALINA VIÑAS⁽¹⁾, RUI JACINTO⁽²⁾, CARLOS BRAZ SARAIVA⁽¹⁾

1. Introdução.

Portugal e Espanha, embora vizinhos e compartilhando o mesmo espaço peninsular, são países que encerram contrastes regionais muito acentuados, facilmente apreendidos quando observamos as suas paisagens naturais e humanizadas ou analisamos o complexo mosaico de realidades económicas, sociais, culturais e políticas que os integram. A História acentuou os contrastes naturais, retocou esta diversidade ao ajudar a sedimentar neste mesmo território comunidades que se distinguem por identidades fortes, caracterizadas por um sentimento de liberdade e autonomia.

Para evidenciar contrastes tão flagrantes basta recordar algumas das fracturas que marcam e caracterizam a diversidade regional do espaço ibérico. Os vales férteis e agrícolas dos principais rios da península e as agrestes zonas montanhosas. As praias litorais habitadas por comunidades de pescadores e a ruralidade profunda do interior, de clima mais árido, onde comunidades menos acessíveis remetem as pessoas para um maior isolamento, dependentes duma economia centrada na agricultura e na pecuária extensiva, sujeitando-as a processos migratórios indesejados. O mundo rural e o urbano; as remotas aldeias, os montes dispersos pela imensidão do Alentejo, os pequenos "pueblos" da meseta; as cidades e o universo de contraste que encerram, particularmente as que passaram a constituir verdadeiras áreas metropolitanas.

As sociedades são o produto do espaço e do tempo, os construtores de identidades pessoais e territoriais que encerram tal complexidade que as variáveis quantitativas nem sempre traduzem eficazmente. O peso desta geografia e das dinâmicas e processos sociais

que se sucederam ao longo do tempo exprimem-se, no momento presente, através duma acentuada diversidade regional que a evidência empírica, os mapas e o conjunto de indicadores que passamos a apresentar exprimem cabalmente.

O suicídio é um fenómeno universal que apresenta variabilidade geográfica, temporal e cultural.

A génese dos comportamentos suicidários tem sido referida por diversos autores em diversas teorias que englobam aspectos biopsicosociais e culturais. Deixando de fora os factores individuais tentamos comparar a influência de factores demográficos, sociais e culturais nas taxas de suicídio de Portugal e de Espanha, procurando uma correlação estatística entre diversos indicadores e um padrão que possa explicar a distribuição geográfica do suicídio em ambos países. Os resultados mostram um mosaico sociodemográfico diferente para cada país, apesar da proximidade geográfica, que nem sequer se mantém semelhante a nível transfronteiriço.

2. Material e Métodos.

Foram consultados os Anuários Estatísticos das Regiões Portuguesas e de Espanha 1998, assim como as Estatísticas de Saúde de 1990 a 1997, o Inquérito ao Emprego de 1998, a Encuesta de la Población Activa 1997, e a Estadística del Suicidio en España 1997, publicados pelos Institutos Nacionais de Estatística de Portugal e de Espanha. Obtiveram-se os dados referentes a 1997 dos seguintes indicadores: Densidade Populacional, Taxa de Natalidade, Taxa de Mortalidade, Excedentes de Vidas por 1000 Habitantes, Taxa de

⁽¹⁾ CPS dos Hospitais da Universidade de Coimbra.

⁽²⁾ Instituto de Estudos Geográficos.

Nupcialidade, Taxa de Actividade, Taxa de Desemprego, Produto Interno Bruto e Óbitos segundo a causa de morte. As taxas de suicídio obtidas são valores brutos e apenas para o continente, deixando de fora as cifras referentes às ilhas portuguesas e espanholas.

São de salientar as dificuldades metodológicas encontradas no acesso a dados estatísticos comparáveis entre ambos os países, impossibilitando a obtenção de um maior número de indicadores demográficos e socio-económicos.

Com base nas variáveis seleccionadas procedemos a um tratamento estatístico e gráfico a partir de uma base de dados construída numa folha de cálculo Excel. A componente gráfica refere-se, na sua maioria, a mapas de distribuição geográfica das variáveis estudadas. Adicionalmente, e a fim de quantificar as eventuais associações, foi utilizada a correlação de Pearson entre cada um dos indicadores demográficos / socio-económicos e a variável dependente, ou seja, a taxa de suicídio.

3. Resultados.

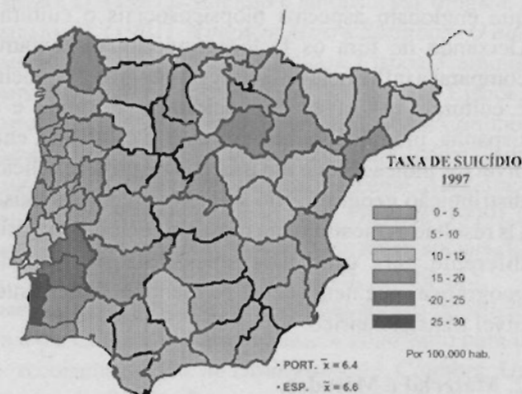


Figura 1

Como se observa no mapa das taxas de suicídio do ano 1997 (figura 1), ano a que se referem os indicadores do nosso estudo, no caso de Portugal há clivagens que são notórias, registando-se valores diferentes entre o Norte e o Sul do Tejo. No caso espanhol as clivagens não são tão notórias, apontando mais para um modelo multipolar.

Analisando em detalhe as taxas de suicídio verifica-se no mapa de Portugal que o Norte apresenta as taxas de suicídio mais baixas do país, enquanto que as regiões do Sul revelam taxas 3 a 5 vezes superiores à média nacional, valores que não se verificam em nenu-

ma região espanhola.

Em Espanha não existe um padrão geográfico uniforme, parecendo haver uma maior concentração de taxas elevadas no nordeste do país. Mas não há região nenhuma com taxas tão altas como em Portugal.

É de salientar a existência de uma inversão transfronteiriça das taxas de suicídio. Enquanto o Norte de Portugal apresenta taxas baixas, as regiões limítrofes espanholas apresentam taxas superiores, delimitando nitidamente a fronteira entre ambos os países. Paradoxalmente, o Sul de Portugal fica perfeitamente contornado por regiões espanholas com taxas bastante inferiores, sobretudo no caso do Alentejo e a Estremadura espanhola que atingem valores extremamente opostos, apesar da contiguidade geográfica.

Em Portugal, 57% das NUTS III (Nomenclatura das Unidades Territoriais) apresentam taxas inferiores à média do país, enquanto que em Espanha esta proporção apenas alcança 42%.

% DE NUTS III / TAXA DE SUICÍDIO. 1997

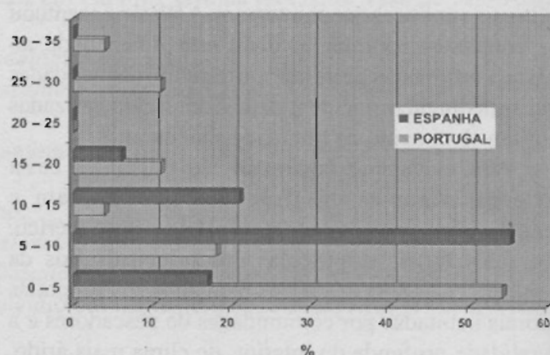


Figura 2

Analisando a proporção de NUTS III por taxas de suicídio (figura 2), segundo a classificação da OMS, Portugal apresenta 54% das NUTS III com taxas baixas (0-5) e 22% de NUTS III com taxas médias, enquanto que Espanha manifesta uma distribuição inversa apresentando 76% das NUTS com taxas médias e 17% com taxas baixas. Quanto às taxas altas, Portugal ostenta 22% das NUTS III frente aos 6% que ostenta Espanha (sem superar nunca a taxa de 20 no caso de Espanha). Não há taxas muito altas (>30) entre os espanhóis, mas sim entre os portugueses em 4% das NUTS III.

Observando a densidade populacional (figura 3) verifica-se uma correlação inversamente proporcional com a taxa de suicídio para ambos países, sendo mais



Figura 3

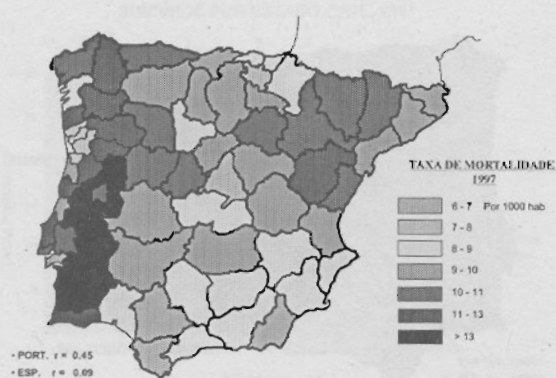


Figura 5

forte para Espanha. Portugal mantém o padrão Norte-Sul, enquanto que Espanha apresenta uma faixa diagonal NE-SO que é a que mais se correlaciona com as taxas de suicídio.

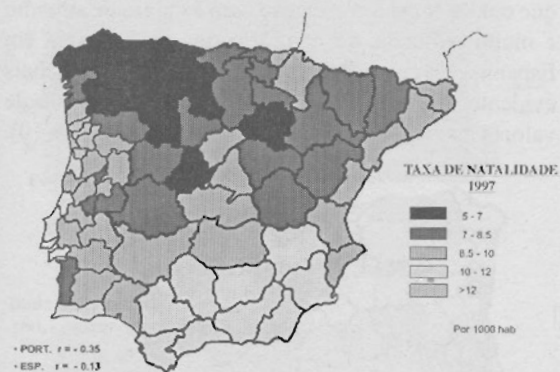


Figura 4



Figura 6

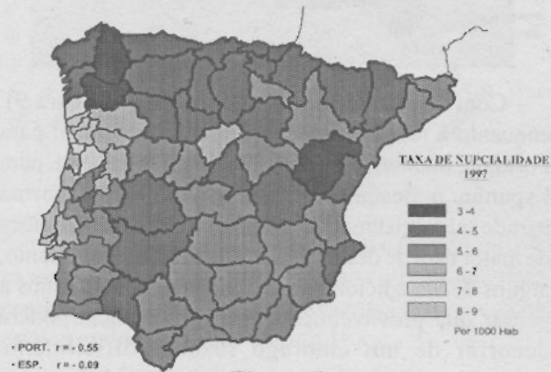


Figura 7

Em termos de **taxa de natalidade** (figura 4) há correlação inversa com a taxa de suicídio, mais notória no caso de Portugal. De salientar a oposição marcada entre o noroeste e o Sul de Espanha e entre o Alentejo litoral e o resto das regiões litorais de Portugal, assim como a diferença transfronteiriça entre o Minho e a Galiza.

Com respeito à **taxa de mortalidade** (figura 5), há uma correlação mais evidente com a taxa de suicídio para Portugal, encontrando-se um paralelismo entre as regiões de mais alta mortalidade e mais alta taxa de suicídio, o que não se verifica em Espanha.

Quanto aos **excedentes de vidas por 1000 habitantes** (figura 6), balanço entre a natalidade e mortalidade ou crescimento natural da população, em Espanha não parece haver associação com a taxa de suicídio, enquanto que em Portugal há uma relação

inversamente proporcional muito mais forte.

Em termos de **taxa de nupcialidade** (figura 7), à semelhança do que acontece no caso anterior, a correlação é pouco relevante para Espanha, mas inversa no caso de Portugal onde se continua a contemplar a diferença marcada entre o Norte e o Sul, sendo a região do Minho a que apresenta taxas mais altas de nupcialidade.

Analisando a situação laboral verifica-se com a

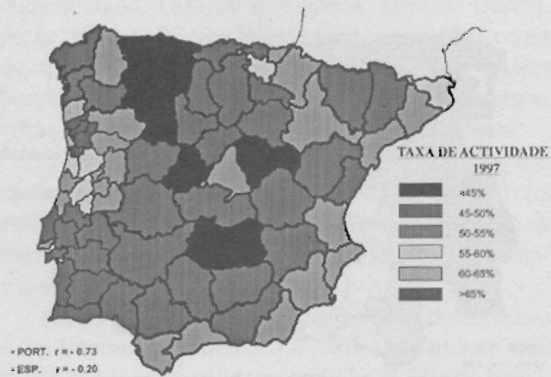


Figura 8

taxa de actividade (figura 8) que, mais uma vez, existe correlação inversa para Portugal, persistindo o padrão geográfico Norte-Sul.



Figura 9

Com respeito à taxa de desemprego (figura 9), enquanto a relação é directamente proporcional para Portugal, mantendo-se o padrão típico Norte-Sul, para Espanha o desemprego parece actuar de forma paradoxal, registando-se menos suicídios nas regiões de maior taxa de desemprego (Andaluzia). No entanto, alguns dados adicionais que recolhemos levam-nos a pensar que provavelmente esta discrepância poderá decorrer de um emprego sazonal dificilmente contabilizável, atendendo ao tipo de actividade que se dá nessa região: horto-fruticultura e turismo.

Na maioria dos países da CEE há uma correlação positiva para o sexo masculino entre desemprego e suicídio (Pritchard 1992). Mas, as conclusões nesta temática são difíceis de estabelecer e deverão ser interpretadas com reservas, até porque o desemprego origina não só alterações psicopatológicas mas também indivíduos mais frágeis psiquicamente e predispostos ao ciclo do desemprego, donde o suicídio pode ter origem noutros factores, como miséria ou alcoolismo.

Estas conjunturas contaminariam os limites dos factores envolvidos na investigação sobre o significado ou não do desemprego na génese do suicídio.

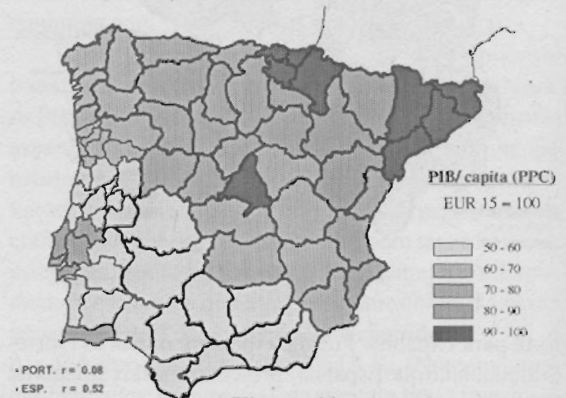


Figura 10

Quanto ao Produto Interno Bruto, verifica-se que em Portugal a correlação com as taxas de suicídio é muito reduzida, ao contrário do que se passa em Espanha, em que se apura uma correlação directa mais evidente, reproduzida na tendência para o registo de valores mais elevados no Nordeste do país (figura 10).

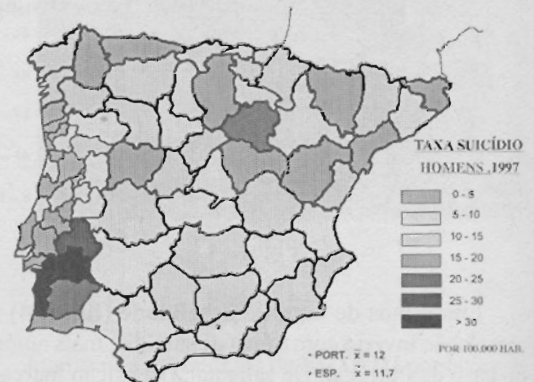


Figura 11

Quanto às taxas de suicídio por sexos (figura 11) repara-se que em relação ao sexo masculino ambos os países possuem uma distribuição que se justapõe com as taxas globais, com a diferença de que Portugal mostra valores muito extremos, mantendo o padrão geográfico já descrito, e Espanha não apresenta valores de taxas tão baixas nem tão altas como Portugal.

Em relação ao sexo feminino, as taxas são marcadamente inferiores e uniformes, tanto qualitativa como quantitativamente, salvo para o Alentejo Litoral e Lugo, que têm as taxas de suicídio mais altas em cada um dos países (figura 12).

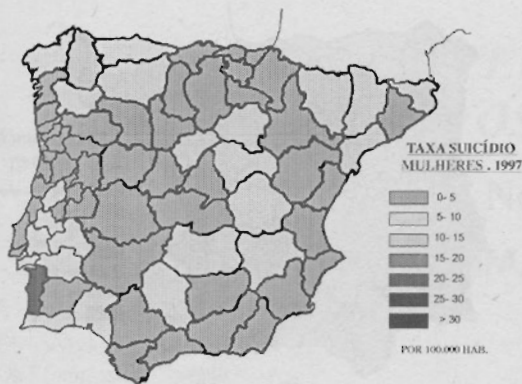


Figura 12

SUICÍDIOS SEGUNDO A IDADE HOMENS. 1997

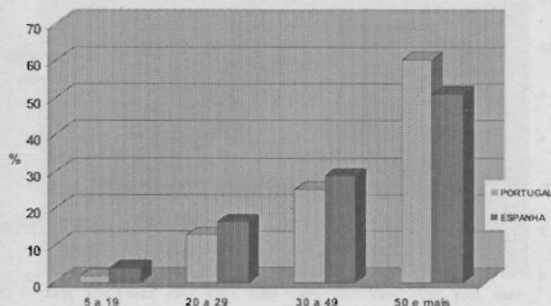


Figura 13

SUICÍDIOS SEGUNDO A IDADE MULHERES. 1997

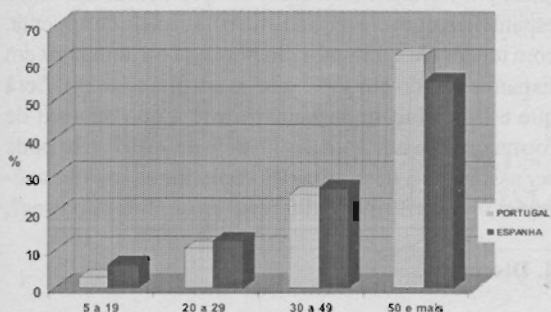


Figura 14

Em termos de **idades**, observa-se o padrão clássico de altas proporções entre a população de idade superior a cinquenta anos, sem haver variação entre sexos dentro de cada país (figuras 13 e 14). Em consonância com outros estudos longitudinais, denota-se um ligeiro aumento da proporção de suicídios entre os jovens em detrimento do suicídio em idades superiores, o qual parece reflectir-se na sociedade espanhola tal como refere a literatura.

SUICÍDIOS POR ESTADO CIVIL. 1997

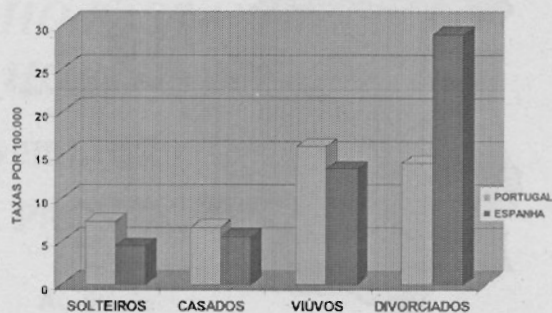


Figura 15

As **taxas por estado civil** confirmam o referido na literatura universal constatando-se taxas superiores nos viúvos e divorciados, mas não para solteiros e casados em que a diferença é mínima. No caso de Espanha o suicídio entre separados e divorciados é o dobro do que ocorre em Portugal (figura 15).

SUICÍDIOS SEGUNDO O MÊS DO ANO. 1997

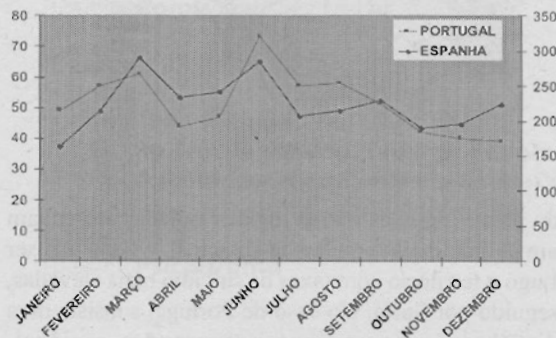


Figura 16

Analisando os suicídios segundo o mês do ano não se apuram diferenças entre Espanha e Portugal, parecendo haver uma evolução sobreponível e relativamente estável ao longo do ano (figura 16).

Numa abordagem temporal verifica-se que o panorama espanhol se alterou completamente no decurso das duas últimas décadas. **Espanha** apresentava taxas correspondentes a valores baixos e médios, registando apenas Soria uma taxa superior. Curiosamente, a fronteira entre o Norte de Portugal e a Galiza, em termos de taxas de suicídio, não estava tão claramente demarcada como actualmente (figura 17).

Dez anos depois o mosaico espanhol era distinto. As taxas médias-altas concentrando-se na área nordeste



Figura 17



Figura 19



Figura 18

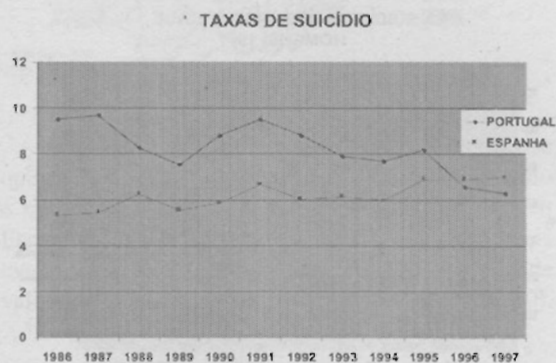


Figura 20

do país e algumas outras regiões isoladas, desenham um padrão mais semelhante ao actual, passando a ser Lugo o território com taxas de suicídio mais elevadas, seguido por Soria. No caso de Portugal subsiste uma distribuição homogênea por grandes regiões¹, permitindo apreciar como o contraste Norte-Sul reproduz já o padrão actual (figura 18).

No período de 1993 a 1997 destaca-se em Espanha Tarragona, que passa a constituir um terceiro núcleo de taxas de suicídio elevadas. Com este núcleo, configura-se uma distribuição multipolar de taxas mais elevadas centrada nas províncias de Lugo, Soria, Tarragona, Lisboa e Sul de Portugal, onde se destaca o Alentejo Litoral (figura 19).

Conclui-se, assim, que no caso português o padrão de distribuição das taxas de suicídio permanece relativamente estável, enquanto se assiste a uma alteração significativa no caso espanhol de distribuição das taxas.

Numa representação linear das **taxas de suicídio dos anos de 1986 a 1997** (figura 20) é nítido como as

taxas em Portugal estiveram sempre acima das taxas espanholas, com um pico no início da década de noventa, com tendência a diminuir em Portugal e a aumentar em Espanha, sendo em 1996 que se cruzam as taxas. Será que esta evolução, particularmente a que ocorreu de forma inversa nos anos de 87-88 e de 95-97, não pode ser associada a determinadas conjunturas socioeconómicas vividas de modo diferente em ambos os países?.

4. Discussão.

A polémica e debatida afirmação do sociólogo Durkheim, no final do século XIX, de que não são os indivíduos que se suicidam mas antes as sociedades, parece ter algum fundamento.

Assim, as dificuldades para avaliar outras áreas fazem com que o nosso estudo privilegie o suicídio como um acto que pode ser explicado prioritariamente segundo uma perspectiva sociológica e não tanto pelas

¹ Isto fica a dever-se em parte à impossibilidade de acesso a dados por distritos ou NUTS III

motivações individuais.

Segundo estas premissas tentamos procurar padrões socioculturais que possam ajudar a compreender as diferenças encontradas nos dois países, já que existe determinado tipo de factores que têm a ver com a sociedade, as culturas e identidades de cada comunidade, região ou país.

No caso de **Portugal** os indicadores quantitativos apresentados correlacionam-se de forma consideravelmente mais notória. As baixas taxas de suicídio no *Norte* puderam reflectir a influência de diversos factores sociodemográficos, sobretudo nas regiões litorais, e nomeadamente entre Minho e Douro: altas taxas de nupcialidade, natalidade e actividade, em contraste com baixas taxas de mortalidade e desemprego.

Do ponto de vista da antropologia cultural há também factores que matizam o padrão geográfico, como as danças, cantares alegres e vestidos regionais de cores vivas dos minhotos.

No *Sul* as taxas de suicídio são marcadamente superiores, particularmente no Alentejo. As taxas de nupcialidade, natalidade e actividade são inferiores às do Norte, e as de mortalidade e desemprego são superiores. A densidade populacional é muito baixa, com valores de 15 a 20 habitantes/km².

A ruralidade extrema que caracteriza as planícies alentejanas, com o isolamento e a fraca densidade da sua população e o afastamento do convívio social, puderam contribuir para o incremento do número de suicídios, sobretudo quando interagem outros factores sociais, como a emigração de filhos e jovens para os grandes núcleos urbanos. O resultado é um envelhecimento da população, ficando os anciãos viúvos, muitas vezes em situação de pobreza, que não puderam viver com os filhos nas cidades ou não quiseram por não se adaptarem ao meio urbano. Também a considerar como potencial contribuição para o suicídio, a viuvez, onde há uma perda do microcosmos referencial, incrementado pelo isolamento e envelhecimento populacional. A doença dolorosa, incapacitante ou incurável, converte o sujeito num ser dependente da família ou da comunidade, impede-o de trabalhar, tornando-o um peso económico e emocional.

O suicídio nesta região tem sido interpretado como recurso nobre, uma espécie de redenção moral, um fenómeno fortemente cultural, ligado ao carácter alentejano evidenciado em aspectos como a tristeza do

seu folclore, com músicas e cantos lentos, desconsolados e nostálgicos, danças com pouca vivacidade e expressão corporal.. O sentir alentejano pode ver-se reflectido nestas poesias:

*Alentejo, ai solidão,
Solidão, ai Alentejo,
Adro da melancolia!
Tua tristeza me pesa,
Alentejo-ai-solidão...*

*Quanto, às vezes, me não pesa!
Mas fora de essa tristeza,
Pesa-me toda a alegria.*

José Régio (Fado Alentejano)

*Num momento, sem esperar,
Vem a morte traiçoeira
E leva-lhe a companhia,
Quem o podia amparar.
Leva os dias a pensar,
Bem triste, bem magoado,
Qual será o seu estado,
Caminhando para o além
Sem caminho de ninguém
E ver-se desamparado.*

*Um dia vai visitar
Um daqueles filhos que tem:
Se por favor ou por bem
Lhe arranja algum lugar
Para que possa habitar,
Comer da mesma comida.
Mas com a voz atrevida,
O filho diz-lhe que não.
Lá abala, ao trambulhão,
Sem agasalho e sem guarida.*

António Ruas.

(Literatura Popular do Distrito de Beja)

*Em permanente tormento
Noites e dias palpito,
Descreio, não acredito
No fim do meu sofrimento;
Se me vem ao pensamento
A doce imagem querida,
Mais aumenta a dor sentida
Da crescente nostalgia:
Não posso Ter alegria,
Tenho a esperança perdida.*

*Não há nada no mundo
Que console a minha alma;
O martírio desceu à palma
O meu desgosto profundo.
Sou errante vagabundo,
Sem conforto, sem guarida,
Vivendo da dor vertida
Sem poder rir nem chorar;
Enquanto por cá andar
Nem morro nem tenho vida.*

*Manuel de Castro
(Literatura Popular do Distrito de Beja)*

Alguns autores tentaram relacionar o suicídio no Alentejo com o chamado *Síndrome da Planície*, que se refere à monotonia da paisagem e ao que este pode provocar emocionalmente a quem a observa ou naqueles que lá vivem. Alguns estudos epidemiológicos do Departamento de Psiquiatria do Hospital Distrital de Beja revelam ser no mês de Julho que todos os anos se verificam mais suicídios, sugerindo que o calor intenso tem um importante papel na desinibição para o acto suicida. No entanto, ao comparar as taxas de suicídio das regiões vizinhas de Espanha, climática e geograficamente semelhantes, não se verifica uma correlação com estes factores, o que apoia a teoria sociocultural do suicídio.

*Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De montes e de oliveiras,
Do vento são queimada,
(Lá vem o vento são!
Que enche o sono de piores,
Faz febre, esfarela os ossos,
Dói nos peitos sufocados,
E atira aos desesperados
A corda com que se enforcam
Na trave de algum desvão...)*

José Régio (Toada de Portalegre)

O padrão geográfico em Espanha é menos regular. Se exceptuarmos o PIB, os indicadores sociodemográficos quantitativos anteriormente referidos neste trabalho, apresentam uma correlação globalmente fraca com a taxa de suicídio, o que aponta para outras teorias multi-factoriais na origem desta distribuição geográfica das taxas. Há ausência de grandes contrastes regionais, bem como duma bipolarização tão evidente entre o meio rural e urbano.

Os mapas que reproduzem os padrões de distri-

buição das taxas de suicídio nos períodos analisados, põem em evidência comportamentos distintos ocorridos nos dois países. Enquanto em Portugal permanece a mesma geografia desde a década de 70, a evolução quantitativa e qualitativa que o fenómeno registou em Espanha, teve como consequência a alteração profunda no padrão de distribuição desta taxa. Este comportamento verificado em Espanha não pode ser dissociado das profundas transformações económicas e sociais que atravessaram o país. As tensões sociais resultantes da reestruturação das economias regionais, dos respectivos processos de integração e abertura à Europa, porventura mais significativos que no caso Português, desenham uma tendência que se aproxima de comportamentos comuns a países europeus mais desenvolvidos. Esta constatação decorre do facto da distribuição do PIB e da concentração de taxas de suicídio mais elevadas, se localizarem, no período mais recente, entre o País Basco e a Catalunha, regiões contíguas à fronteira com a França, país em que se registam as taxas de suicídio mais elevadas na União Europeia.

Como factores precipitantes, sobretudo entre os jovens e as pessoas de meia idade, teremos de fazer apelo às envolventes económica e socio-política, que podendo acentuar o desemprego, o desenraizamento, o isolamento social e as migrações, introduzem elementos de pressão social que podem aumentar as situações de risco.

Autores espanhóis (Iglesias García et al, 1999) revelam a importância do incremento do consumo de substâncias psicoactivas e de doenças crónicas como o SIDA como factores de suicídio entre jovens. São também importantes entre os jovens a divulgação de suicídios nos "mass média", que facilita o suicídio entre indivíduos mais vulneráveis, e a maior letalidade dos métodos nas tentativas.

O envelhecimento populacional surge, aqui também, como factor favorecedor de suicídio; sobretudo nas regiões com muito baixa densidade populacional, como Sória, Guadalajara, Cuenca e Teruel, que são as regiões mais despovoadas de Espanha, com cerca de 10 habitantes /km², metade das que apresenta o Alentejo. Curiosamente estas têm uma geografia física que se assemelha à paisagem alentejana, e que se descreve nestas poesias:

*Silencio de los pájaros y del pueblo desierto,
Sin niños ni campanas, espesas telarañas
Cerrando los boquetes de las puertas,
Palmas resacas de Domingo de Ramos,
Y mujeres de gastado y pardo luto, sin edad,*

*Sentadas a la sombra del humillado porche,
Las manos en la falda vacías de propósito.
(...) musitando rosarios de suspiros
hasta el momento de hacer las sopas de ajo,
cerrar cancelas de soledad
y sumirse en el pozo del olvido
hasta el ajeno resurgir de la mañana.*

Concha de Marco
(*Se vende un pueblo soriano*)

*Qué silencio tan grande el de este campo,
Qué vastas y dormidas soledades,
Qué inmensidad vacía, que tremenda
Tristeza derramada por los aires.
La sierra se derrumba lentamente
Sobre la mansa angustia de los valles
Que elevan puros, asombrados, ciegos,
El encendido grito de los árboles.
El cielo es plomo gris que se derrumba
Sobre el pavor silente del paisaje.
Es un inmenso buitres hambriento y sordo,
Un infinito dios amenazante.*

Rafael Morales (Paisaje)

Lugo, na Galiza, que tem a taxa mais alta de suicídio, sofre uma continuada perda de população, com um envelhecimento muito acentuado e uma alarmante regressão das taxas de natalidade. Trata-se da província mais envelhecida da Galiza e a que menos habitantes tem por quilómetro quadrado, onde a população reside em núcleos muito pequenos e onde se registam, historicamente, grandes emigrações.

Andaluzia e Estremadura, apesar da contiguidade geográfica com o Alentejo, apresentam uma realidade distinta. As taxas de suicídio são muito mais baixas e a identidade cultural e social são muito diferentes. As festas religiosas são vividas com exaltação e entusiasmo, de acordo com uma forte tradição católica, com grande participação do povo nas solenes procissões da Páscoa e nas romarias da Feira de Abril, festa sevilhana onde a convivência social das famílias é contínua durante o dia e a noite, com alegres bailes populares e cantos com

guitarras e castanholas, até madrugada, mostrando vistosos e coloridos trajés de faralaeas.

*Vino, sentimiento, guitarra y poesía
Hacen los cantares de la patria mía...
Cantares...*

*Quien dice cantares, dice Andalucía.
A la sombra fresca de la vieja parra,
Un mozo moreno rasguea la guitarra...*

Cantares...

*Algo que acaricia y algo que desgarrar.
La prima que canta y el bordón que llora...
Y el tiempo callado se va hora tras hora.*

Cantares...

Cantando la pena, la pena se olvida. (...)

Manuel Machado (Cantares)

Até a gastronomia é diferente. Prevalece a ideia de que na Andaluzia não se come em casa, se “tapea”. É por isso que as ruas estão sempre cheias de bares e tascas onde os andaluzes fazem um importante convívio social, saltitando de bar em bar e “de tapa em tapa”. As mulheres participam completamente destes costumes, mantendo hábitos muito diferentes dos vizinhos portugueses.

5. Conclusões.

A geografia do suicídio na península ibérica tem vindo a conhecer algumas mudanças que se tornam mais evidentes no caso Espanhol que no caso Português.

Há alterações no espaço e no tempo que se correlacionam com transformações económicas, sociais e políticas verificadas nos dois países.

A evolução temporal reproduz conjunturas que geram um conjunto de condições propícias e de situações de maior risco, susceptíveis de passar da sociedade ao indivíduo.

Conclui-se, tanto do ponto de vista dos indicadores socio-económicos como das taxas de suicídio e da relação entre eles estabelecida, que existe uma península, dois países e múltiplas realidades regionais.

BIBLIOGRAFIA

- AREAL, F. - O Síndrome da Planície – O suicídio no Alentejo. *Psiquiatria Clínica* 1998, (19), 4, 331-340.
AMORIM GIRÃO, A. - Atlas de Portugal. 2ª Ed. Instituto de Estudos Geográficos.
BOBES GARCIA, J. GONZALEZ SEIJO, J. C., SÁIZ MARTÍNEZ, P. A. - *Prevención de las conductas suicidas y parasuicidas*. Ed. Masson. 1997.

- CLEMENTE, M., GONZÁLEZ, A. - Suicidio. Una alternativa social. Ed. Biblioteca Nueva. Madrid. 1996.
- DE FRANÇA, L. - Comportamento religioso da população portuguesa. Ed. Moraes Editores. Lisboa. 1981.
- DURKHEIM, E. - O suicídio. Estudo Sociológico. Ed. Presença. Lisboa. 1996
- GARCIA, C., ÁVAREZ RIESGO, J. A. - Un estudio del suicidio en Asturias: incremento de la frecuencia en las dos últimas décadas. *Actas Españolas de Psiquiatría*. 1999, (27), 4, 217-222.
- GASPAR, J. - As regiões portuguesas. Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional. Lisboa. 1993.
- MIRON CANELO, J. A., SAENZ GONZÁLEZ, M. C., BLANCO MONTGUT, L., FERNÁNDEZ MARTÍN, C. - Epidemiología descriptiva del suicidio en España (1906-1990). *Actas Luso Españolas de Neurología Psiquiatría y Ciencias Afines* 1997, 87, 73-80.
- NAVAS MARTINEZ, J. L., FERNÁNDEZ-CREHUET NAVAJAS, R., IRALA ESTÉVEZ, J., SERRANO DEL CASTILLO, A., PELAYO OROZCO, A. - Mortalidad por suicidio en España: factores socioeconómicos y ambientales asociados. *Atención Primaria*. (19), 5, 250-256. 1997.
- SARAIVA, C. - Para-suicidio. Ed. Quarteto. 1999.
- RIBEIRO, O. - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Ed. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa. 1986.
- UÑA JUAREZ, O. - Sociología del suicidio. Ampliaciones epistemológicas. *Psicopatología*, 5, 2, 129-136, 1985. Sexto relatório periódico relativo à situação socioeconómica e ao desenvolvimento das regiões da União Europeia. Serviço das publicações oficiais das Comunidades Europeias. 1999
- BERGUA, J. - Las mil mejores poesias de la lengua castellana. Ed. Ediciones Ibéricas. Madrid. 1984.
- MORENO BAEZ, E. - Antología de la poesia española contemporanea. Ed. Salvat. 1970.
- PAULINO-NETO, B., LOURENÇO, E., GASPAR, J., ROCHA-TRINIDADE, M.B., JACINTO, R. - Um país de longínquas fronteiras. Câmara Municipal da Guarda. 2000.
- Estadística del Suicidio en España. 1997. Instituto Nacional de Estadística. Madrid. 1998.
- Anuario Estadístico de España. 1998. INE. Madrid.
- Encuesta de la Población Activa. 1997. INE. Madrid.
- Anuário Estatístico 1998. Instituto Nacional de Estatística. Lisboa.
- Estatísticas da Saúde, 1990 a 1997. INE. Lisboa.
- Anuário Estatístico da Região Norte, 1998. INE. Lisboa.
- Anuário Estatístico da Região Centro, 1998. INE. Lisboa.
- Anuário Estatístico da Região de Lisboa e Vale do Tejo, 1998. INE. Lisboa.
- Anuário Estatístico da Região do Alentejo, 1998. INE. Lisboa.
- Anuário Estatístico da Região do Algarve, 1998. INE. Lisboa.
- Inquérito ao emprego. (NUTS III). 1998. INE. Lisboa.
- Retrato das Regiões. INE. Lisboa.